

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO . RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO-26 DE OUTUBRO DE 1862.

N. 25

O PACAJÁ.

Eis-nos pois encetando o terceiro periodo de nossa esmarrida existencia, e cheios da affeição e de coragem lançamo-nos de novo a esse caminho tão escabroso.

O jornalismo é sempre uma cruz pesada e muito mais se torna para aquelles que como nos agora é que principiamos, porém o benevolo publico com seu acolho e sympathia que nos tem dispensado, anima-nos a proseguir nessa nossa fadigosa peregrinação, e por isso esperamos que esse fogo que nos anima e nos aviventa, não deixará de prestar-nos seu valioso auxilio de que tanto carecemos.

E lançando de novo o manto de viagor, esperamos ansiosos, ainda ouvir o sublime brado do immortal cantor da *Paricina*: *Awai! Awai!*

Concideramos ainda assignante de nosso periodico, os Surs. que acceitarem o presente numero.

Temos resolvido a suspender a remessa do *Pacajá* a quelles Snrs. que ainda achão-se em debito de suas assignaturas e não mandarem satisfazer-as até o fim do corrente mez.

Não damos a *corrigenda* do artigo *Pedro e seu amo* do n. p. que sahio inçado de erros, porque achamos isso *massada* para os benevolos leitores, que nenhuma culpa tem nisso.

O OURO.

I.

Entre as differentes vicissitudes, porque pode passar o espirito do homem, cremos que nenhuma é tão lamentavel, como a que resul-

ta do desprezo e abandono que os colloca a infelicidade.

Desgraçada por sem duvida é a sorte do homem que, senhor da sua intelligencia, e tirando della ricos mananciaes de importantes fructos, sempre empregados em prol do progresso, senão da prosperidade de seu paiz de sua patria-mão grado seu se vê doido por transees não calculados, e ve definhar-se a sua existencia tão bem outorgada por Deos seu creador, e vai deixando-se submergir por entre negras e medonhas sendas, sempre aterrado, porque o máo genio, ou antes a fatalidade o arremegara a um abysmo de desgraça e de infelicidade, soffrendo como em supplicio a ingratição dos homens, ou o desprezo de seu merecimento.

E dir-se-ha que é menos exacto o que acabamos de emitir? Não; que ali está comprovado por tantos e outros factos tão experientes como os resultados conhecidos da decadencia senão do progresso ao menos do espirito.

II.

A intelligencia foi em todos os tempos, o mais acrisolado elo, que ligava a natureza em todo o seu desenvolvimento. Nenhum bom juizo desconhece isso.

Queremos dizer, o espirito humano e sua marcha progressiva, sempre teve como pharol, o granpoder da intelligencia que em seus triumphos, levava de vencida todas as controversias e diatribes que se lhe punhão em frente.

A intelligencia é tudo: foi soberana e predominou sobre as massas brutas da ignorancia e da estupidez, mais ainda da ignorancia que é antes negligencia do que cruel fat alidade como a estupidez.

III.

Mas quem é que verdadeira e legalmente aprecia ou reconhece a santidade deste principio real fundamento sempre da razão?

A intelligencia que se reflete na razão: a razão que busca transluzir na intelligencia, e ambas identificadas de tal forma, que não existe

Pacajá
no Luns
26 de Out. 1862

uma sem outra, dimanando ambas de Deus Omnipotente e Soberano incontestavel de tudo que é sobre tudo !

IV.

Ninguém, repetimos, ninguém hoje aprecia subidamente a intelligencia, porque tudo se acha *materializado*, e a grande razão predominante veio a ser *ouro*. Não se indaga se o *ouro* foi amontoado pela traficancia de carne humana, se pela passagem das notas falsas: não se quer saber se as lagrimas do orphaõ, da viuva, ou do pobre custaraõ o recolhimento desse *ouro* com que hoje se impera, se blasona, e se insulta a humanidade inteira: não se procura ver se o cofre que guarda esse *ouro* está sustentado por punhaes e bacamartes, e se as moedas que de la sahem ainda estão salpicadas de sangue: não se investiga o passado do homem rico que tem *ouro*, porque elle hoje não é mais pobre, e por consequencia é bom, é grande, é nobre, é sabio, é titular, tem grandeza, pode ser tudo, e tudo pode fazer.

O que é a intelligencia pois a par de tudo isso ? !.. Quem é que verdadeira e legalmente a aprecia, neste seculo todo *materializado*, e onde a grande, e unica razão predominante é o *ouro* ?

E haverá alguém que não queira o *ouro*, e que para obtel-o não escolha meios, com tanto que consiga o fim ?

Póde ser; mas duvidamos ! !...

(*Extrahido.*)

IDEIAS SOLTAS.

O QUE É O AMOR.

O amor agrada mais que o casamento, e a razão é, que o romance é mais divertido que a historia.

O amor é semelhante a uma arvore, brota de si mesmo, lança profundas raizes a nosso ser, e continúa muitas vezes a verdadejar sobre um coração em ruinas.

O amor é uma ave que canta no coração da mulher.

O amor é o romance do coração, é o praser, é a historia.

O amor é semelhante as crianças, impaciente por alcançar tudo o que lhe causa inveja.

O amor tem um caracter tão particular, que se não pôde occultar onde elle está, menos fingir onde elle não existe.

O amor é n'alma, uma paixão de reinar; nos espiritos, uma *sympathia*, e nos corpos é o desejo occulto e delicado de possuir o que só ama depois de tantos mysterios.

O amor é semelhante á lua, quando elle não cresce, é preciso que diminua.

O amor é como as doenças ephidemicas, quanto mais se as teme, mais esposto se está.

O amor é uma molestia, que não quer outro medico senão elle mesmo.

O amor é filho da pobreza e Deus das riquezas; filho da pobreza, por que elle pede sempre, Deus das riquezas porque é liberal.

L.

○ Parricida.

Olha ! sobre aquella pedra sentado está um homem... Medita, medita, e de quando em quando um estremecimento contrahe seus membros. Seus cabellos se irriçam, e uma palidez mortal cobre seu rosto decarnado.

La ficou novamente meditando, immovel:

Qual junto de um penedo outropenado! depois, pouco á pouco ergue a fronte para o céo, entre-abre os labios e sorri--mas com um riso de desespero.

Ainda é moço, e suas barbas tornaram-se braucas, e seus olhos já não brillam com aquelle fogo da mocidade, e suas faces queimadas pela intemperie, estão cobertas de rugas. Suas mãos erguem-se e unem-se, ajoelha e cora.

Sabes quem é esse homem ?

E' o remorso ! o vingador da natureza, aquelle que faz arripiar carreira ao mais sanguinario humano.

E' o remorso ! esse punhal vibrante que fere sem que se sinta; que mata lentamente, e que despedaça o coração de sua victima. E' o remorso ! esse echo que repercute por toda a parte, e vai entranhar-se no peito de todo o vivente.

Elle falla ; escuta :

--Scinismo, maldade, infamia, tudo, tudo aqui se alimenta; este peito é um volcão de onde surgem as lavas mais ardentes, que enfurecidas se despenham por toda a parte aonde minha imaginação quer, e como o vento do deserto, essas lavas são destruidoras!..

--Que nome me é dado? perverso, impio!.. oh! não, não é esse--Parricida! parricida! Ah... ah, tenebrosa frase para mim!

--Eu assassinei meu pai, minha mãe; poderei expellir da mente esta palavra cruel e vingadora?!

De continuo sôa a meus ouvidos esta sentença fatal:

--A criancinha, ao passar junto de mim assusta-se, e com o dedinho, apontando, exclama--Parricida!

--O moço que na companhia d'aquella que vai fazer a sua felicidade, me avista, mostra-me e diz-me--O Parricida!...

--O velho pára, e com sua mão tremula aponta e balbucia:--Parricida!

Até o céo, quando imploro piedade, me responde com um ribombo furioso, que traduzo:--Parricida!

--Tudo foge de mim como se eu fôra um flagello, ou minhas vestes exhalassem um calor que empestasse a terra.

--Os proprios animaes me desprezam e fogem, mal me aproximo...

Novamente medita...

Aquelle homem desprezou todas as leis da natureza, todas as leis divinas e humanas para saciar seu appetite.

Matou seu pai e sua mãe, para se apossar mais depressa do um punhado de ouro, que esbanjou logo que lhe chegou ás mãos.

Escarneceu de Deus, porque tirou a vida áquelles que lh'a tinham dado, áquelles que o alimentaram, acariciando-o na infancia.

Ingrato!

Deus não é vingativo.

Zombou dos homens, porque o deixaram impune; não lhe souberam conhecer nas facés os signaes precursôres do crime.

--Só o remorso teve compaixão das cinzas de seus progenitores;

--Só o remorso tomou conta da vingança,

e lhe dará a morte; mas uma morte peor que todas as mortes.

A sua vida é um continuo lidar, um continuo viver de sobresalto e de amofinações!

--No céo--a justiça de Deus!

Na terra--o desprezo dos homens!...

Echo Elisio.

Variedades.

--A vida do homem divide-se em tres epochas!

« Na primeira em nada pensa.

« Na segunda pensa no que póde fazer e vir a ser.

« Na terceira lamenta-se de não haver feito cousa alguma.

« O que morre no primeira zomba das duas restantes e evita muitos dissabores.

« O que fallece na segunda faz a viagem para o outro mundo ainda cheio de illusões.

« O que succumbe na terceira esse vai só, absolutamente só. »

--A vida de Hymeneo é, quasi sempre, uma serie continuada de queixumes de dia, e de roncaria de noite.

--Desposar uma donzella, cuja virtude é duvidosa, é expor-se um homem a comer gato por lebre.

--Não gosto das edições, nem das mulheres contrafeitas.

--A realidade é a limonada purgativa do sentimento.

--A intriga é o farrapo da ambição.

--Mirabaeu amava com muita força: esta era a sua maior fraqueza.

Contos veridicos.

Era uma vez um dia, habitavam em uma cidade, que alguém se lembrou de denominar *Exiliopolis*, dois sujeitos; um era estrangeiro e chamava-se Barbarosa, e o outro natural, da dita cidade, chama-

va-se Dominico, era bom cidadão, bom esposo, bom pai de numerosissima familia, homem muito honrado e tambem muito pobre. Por motivos de familia, Dominico vio-se obrigado a vender uma cazita que possuia a beira mar. Barbarosa ajustou compral-a pela quantia de 800 piastras; mas quando fez o pagamento deu, entre o demais dinheiro, uma nota de 100 piastras de Branco que já não tinha curso. Havendo duvida sobre essa nota, Barbarosa comprometteu-se a substituil-a por dinheiro corrente, logo que se restabelesse de uma enfermidade que o prendia á cama. Ora, Deus permittiu que elle recuperasse a saude, mas quando Dominico roclamou a substituição da nota, Barbarosa com o maior desfaçamento disse que « não tendo certeza de que aquella fosse a mesma nota, que dera a Dominico, nada tinha a fazer. Assim veio Dominico a ficar defraudado em 100 piastras, que Santa Rita Maria hade fazer o malvado Barbarosa comer em gallinhas no fundo de uma cama.

Ilha de Pad. ***

Anedoctas.

Um barbeiro, estando a barbear um freguez e dando-lhe a vontade de esvasiar a hexiga, teve a sem seremonia de o fazer na propria loja; e, como o freguez lh'o estranhasse, respondeu: *Mudo-me amanhã.* O freguez, a quem deu vontade de fazer o mesmo e mais alguma cousa, tambem o fez no meio da sala; e, como o barbeiro lh'o estranhasse, sahio respondendo: *Ah! eu mudo-me já.*

Uma Mãi, participando ao mestre as faltas de seu filho ao collegio, escreveu: *Meu filho não tem ido estes dias por causa*

das chuvas desta sua criada F....

Uma senhora muito espirituosa, passando em um dos nossos salões de baile, e acontecendo encontrar com a mulher do cavalleiro que lhe servia de par, lhe disse:— Minha senhora, não tenha cuidado com seu marido, que eu mesmo o vigio.— A outra, continuando o passeio, respondeu:— *Cuidado! não fuja o preso com a sentinella.*

POESIA.

ELLA—E SEMPRE ELLA.

Perdi-te emfim, perdeu minh'alma
Magica flôr tão cedo desfolhada
O pampeiro da morte não poupou-te
Ati pobre florinha malfadada.

Em ti perdi os restos sacrosantos
Emblema de minh'alma abandonada
Seccarão-se contigo, uma por uma
As folhas desta vida contristada.

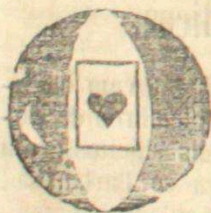
Tão cedo, ja ceifada pela morte
Com tanto amor no peito palpitante
Tão cedo ja a lousa do sepulchro
Quebrou p'ra sempre nos o amor constante

Ai, que magico poder perdeu em ti
Meu peito triste de anciar cansado
A lousa do sepulchro te escondeu
Para sempre do mundo, malfadado
Perdi-te emfim, perdeu minh'alma
Magica flor, tão cedo desfolhada
O pampeiro da morte, não poupou-te
Ati pobre florinha malfadada!

B. F.

A decifração do Enigma publicado no n 24 é-- *Um máo ministro faz o governo desinthesourar muito dinheiro, e correr humano sangue em borbotões.*

ENYGMATA PITTORESCO.



SA



SO



-plo

XC

ANÇON AA da



O assassino só tem decano nas mãos da justiça.